

PARA UMA VIDA NÃO-FASCISTA¹

Eder Rodrigues Proença*

Se quisermos mudar o mundo, também temos que mudar a nós mesmos, através do incessante trabalho de superação de nossas limitações internas, de nosso egoísmo, dos nossos interesses meramente pessoais, enfim, de nossos pequenos fascismos. (CASTELO BRANCO, 2009, p. 148)

Muitas questões têm sido recorrentes em meu cotidiano, tanto do/no trabalho, como nos estudos e, inclusive, no lazer: como tornar mais democrático, cidadão e menos disciplinador o espaço escolar em que vivencio? Como suscitar a confiança dos/as professores/as - com os/as quais convivo - em si mesmos/as e em seu potencial criativo, investindo mais naquilo que Gallo (2006) chama de educação menor? De que forma investir na construção de um corpo saudável, sem desejá-lo ou esculpi-lo aos moldes e modelos preconcebidos mediaticamente? Que tipo de comportamento esperar das/os alunas/os, sem deixar-se influenciar pelos padrões da psicologia, psicopedagogia, neurociência e, até dietéticos do momento? Como investir numa educação que de fato seja possibilitadora da efetivação de uma cidadania ampliada, que valorize e incentive as subjetividades, que tenha a ética e a estética da existência como o fio condutor da vida no planeta? Nada muito fácil para

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor de Geografia, efetivo da rede estadual de ensino de São Paulo, diretor de escola da rede municipal de ensino de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: Eder.proenca@uol.com.br

¹ RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009. – (Coleção Estudos Foucaultianos). 431 p.

se pensar, resolver, então, parece estar num futuro muito distante do nosso tempo presente, cada vez mais incerto e saturado de discursos disfarçados de politicamente correto, mas que escondem formas bastante fascistas de controle de corpos, mentes, saberes e fazeres, sobre a vida e sobre a morte e muito mais.

Uma boa maneira de começar a refletir essas e tantas outras questões que povoam o cotidiano e as práticas nele alocadas é a partir do livro “Para uma vida não-fascista”, organizada por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. Contando com 29 textos de autores/as/pesquisadores/as de diferentes áreas que em comum, apresentam uma imersão sobre as inúmeras possibilidades de pensar a vida, a sociedade, a política, a cultura, o poder e outros temas importantes da contemporaneidade, pautados no legado produzido por Michel Foucault e mais precisamente em seu prefácio ao livro de Deleuze e Guattari “O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”, intitulado “O Anti-Édipo: introdução a uma vida não-fascista”. A obra é fruto do V Colóquio Internacional Michel Foucault “Por uma vida não-fascista”, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre os dias 11 e 14 de novembro de 2008.

Segundo os organizadores, ao apresentar a obra, há uma proximidade entre as/ os pesquisadoras/es, frente aos estudos foucaultianos,

[...] esses pesquisadores aproximam-se na vontade de suscitar novos acontecimentos, como diria Deleuze. Mas também se encontram na crítica ao crescimento desenfreado das formas de biopolíticas de controle social, na denúncia da violência das formas de exclusão e estigmatização que imperam socialmente e na tentativa de explicar como foi que a antiga autogestão da esfera dos negócios e da política se transformou na conhecida gerência dos bens privados das elites, em especial das que se apropriam do Estado e das instituições, implantando absurdos regimes de verdade como naturais, absolutos e universais. (RAGO; VEIGA-NETO, 2009, p. 10-11)

Ou seja, a obra desvela possibilidades de fazermos usos de ferramentas apontadas por Foucault, em diferentes esferas da vida, sempre investindo numa “estética da existência”, bem distante das formas disciplinares, governamentais e de controle das sociedades pós-modernas, repletas de armadilhas que nos capturam e nos fazem “amar o poder” e na pior das hipóteses, que nos sucumbem às formas biopolíticas de controle, tornando-nos fascistas de nós mesmos.

Veiga-Neto chama-nos a atenção para pensar os currículos, sejam eles quais forem, e seus entraves em descrever os caminhos a trilhar (trajetória de um curso,

programas pedagógicos) ou os trilhados (descrição de uma formação acadêmica pessoal), aprisionando a criatividade e a subjetividade. A saída apontada pelo autor estaria em seguir algo como a poesia de Mário Quintana e dar uma de passarinho, ou seja, investir em práticas inovadoras que possibilitem libertarmo-nos de nossos adversários e das verdades únicas, para experimentar, cada vez mais, novas ações e pensamentos, uma multiplicação das diferenças, dos movimentos e dos agenciamentos.

Adiante, nos artigos de Ana Maria de Oliveira Burmester, André Duarte, Carmem Lúcia Soares, Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Márcio Alves da Fonseca e Magda Maria Jaolino Torres, encontram-se debates que tratam sobre o conceito do sujeito, história, organizações sociais e biopolítica, implicada por poderes de controle dos corpos e de sua subjetivação, conforme padrões determinados por um conjunto de especialistas que, ao menor sinal de estranheza, relegam indivíduos às margens sociais.

Guacira Lopes Louro, Richard Miskolci e Tania Navarro Swain discutem em seus textos a sexualidade, as questões de gênero e os estudos *queer* em diálogo com a produção de Foucault, ressaltando, o caráter discursivo da sexualidade e a resistência aos ditames de todas as formas de poder que estão a nos cercar, como redes, teimam em produzir-nos ao seu bel prazer a uma heterossexualidade normatizadora, que como lembra Swain (p. 390), “imbrica-se, hoje, a um dispositivo de violência, que incita, regula e determina os poderes sobre a vida e a morte”; o desafio é colocar em cheque as verdades binárias de toda ordem - masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, etc. - ou como diz Louro (2009, p. 142), “o desafio e o convite do movimento *queer*: transgredir a lógica estabelecida, pensar o impensável, admitir o insuportável, atravessar limites. Enredados, ainda, com Foucault, buscar fissuras na episteme dominante e ousar ir além.”

Medicina, pedagogia, psiquiatria, outras instituições e biopoderes, são postos em pauta nos artigos de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Maria Rita de Assis César, Salete Oliveira e Susel Oliveira da Rosa, biopoderes que, de uma forma ou de outra, pretendem produzir corpos e subjetividades e como escreve César (2009, p. 269), através de “um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido”, ao qual se pode acrescentar: mais aceitável para as sociedades contemporâneas, ou seja, menos infrator e abjeto. As autoras citadas vêm problematizar questões polêmicas, como escreve Oliveira (2009, p. 340).

Apresento aqui, breves apontamentos abolicionistas de vestígios, mínimos

disparates do acaso no presente atual, sob uma perspectiva histórico-política interessada em problematizar pequenas conexões entre os atuais investimentos na neurociência e suas articulações com um modo de pensar presente na cultura jurídica e seus efeitos que incidem sobre corpos de crianças e jovens, atravessados, atualmente, pelo discurso médico-jurídico e a psiquiatrização da ordem, em nome da segurança associada ao conceito de vulnerabilidade e qualidade de vida.

Carlos José Martins, Edson Passetti, Pedro Paulo A. Funari e Natália Campos, Salma Tannus Muchail e Walter Omar Kohan debatem o papel filosófico do/no presente, a filosofia, o estudo da Antiguidade, a parrésia - coragem da verdade - e, uma ampla reflexão do cuidado de si, ao qual Foucault muito se preocupou, a partir de sua leitura de Sócrates, “o trabalho do cuidado, do pensamento, da filosofia, começa sempre em cada um; não há como provocar um efeito no outro se antes não for feito esse trabalho consigo mesmo.” (KOHAN, 2009, p. 424)

Temas como a estética da existência, as subjetividades e a criação de linhas de fuga para uma vida não-fascista são abordados nos artigos de Guilherme Castelo Branco, José G. Gondra, José Luís Câmara Leme, Luiz B. Lacerda Orlandi, Margareth Rago, Norma Telles, Philippe Artières, Sílvio Gallo e Tony Hara.

Não há nenhuma fixidez em minha maneira de apresentar/dividir os artigos e suas/seus respectivas/os autoras/es/pesquisadoras/es em seus temas abordados, afinal, a maneira rizomática, eles e elas tecem redes que perpassam pelos diferentes vieses de Foucault, dialogando com ele, com outros/as pensadores/as e, ainda, umas/uns com as/os outras/os em abordagens que desconstroem verdades universalizadas socialmente, vislumbrando um horizonte onde a ética seja a base para a existência humana e sua relação com meio onde vive, aliás, empresto de Guilherme Castelo Branco (p. 150), as palavras, para ressaltar,

O nó central do pensamento de Foucault em sua maturidade intelectual é a política, que envolve nas suas questões a ética e a estética, trazendo-as para a análise dos problemas e dos impasses do mundo presente, do mundo em que estamos.

Tony Hara (2009, p. 409), bem traduz como os/as que participam da obra, e ainda, todos/as aqueles/as que buscam em Foucault, ferramentas para driblar os limites interpostos na atualidade, fomentando investimentos na política, visando liberdade, com a vontade de ir sempre além, tendo a ética como norteadora das práticas cotidianas.

O acontecimento Foucault continua nos afetando justamente por seu *ethos*, por sua maneira de ser que compreende a ética como uma prática de vida, o pensamento como um ato que deve ser posto a prova, experimentado e modificado. E a modificação do pensamento é uma abertura, uma possibilidade para um processo de constituição de si mais rigoroso, adequado e singular.

Não tenho pretensão de mudar o mundo, como escreve Castelo Branco (p. 148), mas penso que, nessa contemporaneidade fluída, em que as armadilhas do poder se ramificam nas mais tenras ações, mais do que nunca, é necessário um investimento na construção de experiências éticas, práticas que abominem todas as formas de capturas e subjetivações dos indivíduos, a começar por mim mesmo. Quem sabe assim outros também não criam coragem, a coragem ética e política, tão presentes nas páginas dessa grande obra e não passam a conduzir suas vidas, distantes do doce gosto pelo poder?

REFERÊNCIAS

- CESAR, In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos).
- CASTELO BRANCO, Guilherme. Anti-individualismo, vida artista: uma análise não-fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos). p. 143-152.
- FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2003. (Série Hipótese)
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- GALLO, Sílvio. Ensino Fundamental: formação e transformação. **Quaestio: Revista de Estudos de Educação**, Sorocaba, SP, v. 8, n. 2, p. 89-104, nov. 2006.
- KOHAN, In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos).
- LOURO, In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos).
- OLIVEIRA, In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos).
- TONY HARA In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Estudos Foucaultianos).

